



O ALÉM-DO-HOMEM: A TRANSVALORAÇÃO DOS VALORES E A AFIRMAÇÃO DA VIDA

Robson Stigar¹

Vanessa Roberta Massambani Ruthes²

 <https://doi.org/10.33871/27639657.2023.3.1.7409>

RESUMO: O presente artigo procura analisar a questão da transvaloração dos valores e a afirmação da vida a partir da concepção de mundo em Nietzsche. O homem, que está inserido neste mundo, também é considerado em Nietzsche, por Vontade de Poder. E para isso necessita estar, em constante contraposição, para que seu quantum de força, de afirmação, não só se mantenha, mas se expanda e desta forma, por meio da grande saúde o homem pode se colocar além de bem e mal, que permite efetivamente ao homem, se inserir no processo do eterno retorno do mundo. Analisaremos a questão da contraposição e o experimentalismo como remédios que possibilitam ao homem a grande saúde e um estudo sobre a possibilidade de caracterização do além-do-homem.

Palavras Chaves: Eterno retorno, Nihilismo, Poder, Valores.

ABSTRACT: This article seeks to analyze the question of the transvaluation of values and the affirmation of life from Nietzsche's conception of the world. The man, who is inserted in this world, is also considered in Nietzsche, by Will to Power. And for that, it needs to be in constant opposition, so that its quantum of strength, of affirmation, not only remains, but expands and in this way, through great health, man can put himself beyond good and evil, which allows effectively to man, to insert himself in the process of the eternal return of the world. We will analyze the question of opposition and experimentalism as remedies that enable man to have great health and a study on the possibility of characterizing the overman.

Keywords: Eternal return Nihilism, Power, Values.

INTRODUÇÃO

Nietzsche, afirma a possibilidade de uma superação da atitude negativa frente ao mundo, própria do ascetismo niilista, que foi sublimado no Ocidente pela interpretação cristã de mundo. Esta se dá pela ascensão de uma vontade de destruição, caracterizada pela *Hibris*, para uma vontade pessimista que proporciona a inserção do homem no mundo do

¹ Doutor em Ciência da Religião pela PUCSP – E-mail: robsonstigar@gmail.com

² Mestra e Doutora em Teologia pela PUCPR – E-mail: vanessamassambaniruthes@gmail.com



Artigo publicado em acesso aberto sob a licença Creative Commons Attribution 4.0 International Licence.



eterno retorno. Contudo, neste ponto da análise, poder-se-ia questionar acerca de como se efetivaria a ação deste homem no mundo do vir-a-ser, é concebido como Vontade de Poder, contraposição de forças responsável pela geração de uma miríade de estados de coisas, transitórios e passageiros.

O homem, nesse contexto também é considerado Vontade de Poder, e por isso não só está, mas necessita estar, quer-se estar, em constante contraposição? Essa hipótese é levantada como possibilidade de compreensão de uma antropologia nietzschiana baseada no não ser, para analisa-la utilizar-se-á como metodologia a revisão bibliográfica, em texto de Nietzsche posteriores a publicação de *Assim falou Zarathustra*, com o objetivo de esclarecer que o além-do-homem, se inserir no processo do eterno retorno do mundo, como meio de afirmação da existência e da efetivação da transvaloração dos valores.

A CONTRAPOSIÇÃO E O EXPERIMENTALISMO COMO REMÉDIOS QUE POSSIBILITAM AO HOMEM A GRANDE SAÚDE

Quando se fala em contraposição concebida por Nietzsche, torna-se necessário uma diferenciação, uma especificação do significado que esta atitude possui na filosofia de Nietzsche, para que não se cometa sérios equívocos. É necessário compreender que não se refere a negação de um mundo em relação ao outro, do mundo supra-sensível em relação ao sensível, pois esta se caracterizaria uma atitude própria do ressentimento, o que se pretende não é uma mera inversão. Sendo que tal atitude seria apenas uma reedição da concepção metafísica de mundo, pois se postula a existência de um mundo verdadeiro, em oposição a um falso, se constituído inútil para o projeto da transvaloração dos valores.

Percebe-se assim que uma mera contraposição de ditos opostos não abrange o significado que Nietzsche dá à questão, pois tal atitude colocaria o oposto como fundamento absoluto, sendo que é necessário compreender que o tipo de contraposição defendida por Nietzsche não é excludente, não há verdadeiro ou falso, bem ou mal. Estes são apenas estados de coisas possíveis sobre os quais se tem uma interpretação perspectiva, entre muitas.



Assim como o processo de contraposição não visa a exclusão de possibilidades, também não visa a refutação destas, pois todas pertencem ao complexo do vir-a-ser. Sendo assim possível inferir que o tipo de contraposição defendida por Nietzsche esta ligada a uma experimentabilidade do mundo, atitude que não possui relação com a Híbris, já que esta movida por uma vontade de nada, visa refutar, negar realidades que existem. Apesar ter preparado o homem para o experimentalismo, tal atitude não se confunde com ele, como também não pode ser comparado à atitude das ciências experimentais, que movidas por uma vontade de verdade, buscam um conhecimento absoluto, tentam, nas palavras de Nietzsche “escafeder-se para o além” (NIETZSCHE, 2001a, p. 48).

Segundo ele o experimentalismo é uma conseqüência necessária dos ideais atuais, pois possui como pressuposto o desdobramento da moral calcada na metafísica, e a conseqüente falta de orientação que o eclipse desta causou no homem. Se autointitula um mensageiro alegre, que anuncia esta noção que existiu até o presente, podendo ser assim considerado, uma força que possibilita ao homem ir avante “na aventura (...) no mar aberto, no improvável, no não descoberto” (PASCHOAL, E. 1999. p. 147), se caracterizando assim o que é denominado de niilismo perfeito. “Trata-se do niilismo que prazerosamente se autodenega como vontade de nada (nihil) para afirmar e bendizer a inocência da aparência perspectiva, a radical falsidade do caráter total da existência” (GIACOIA, O. 1997a. p.43).

A ação experimental se dá por meio da contraposição, quando o homem em busca do novo arrisca proposições, possibilidades, hipóteses, acerca de uma determinada perspectiva com vistas a empreender descobertas ou invenções. A alma, por exemplo, poderia ser concebida de várias formas.

Sendo aqui mister ressaltar que as críticas efetivadas pelo autor a sistemas filosóficos, em especial no primeiro capítulo de Além de bem e mal, possuem esta conotação, não de refutação mas de contraposição, visando mostrar a possibilidade de uma desarticulação destas por argumentos que os próprios apresentam, demonstrando as várias possibilidades de interpretação dentro destes sistemas.

A título de exemplo cabe citar às críticas direcionadas à Kant e a Descartes. No que diz respeito ao primeiro, o critica por pressupor toda sua teoria na metafísica, em outras palavras, esta se autossustentava, os juízos sintéticos a priori são uma faculdade humana que



existe por si. Em primeiro não refuta a possibilidade de sua existência, mas infere uma outra hipótese, de que estes “poderiam ser falsos!”, e ainda de que a crença nestas faculdades, sobretudo na moral, seria apenas a reação de uma vontade de nada que necessita de um pressuposto para afirmar o tu deves.

Em sua crítica Descartes disferiu seu martelo nas certezas imediatas, intuições que pressupõe toda sua teoria acerca do conhecimento, pois se se decompõe a primeira certeza cartesiana, eu penso, perceber-se-á que não se constitui como tal. Pois antes de afirmar, já tenho que possuir um conhecimento deste eu e deste pensar, sendo que assim não se podem constituir como primeiras certezas de sua teoria. Ainda para afirmar este eu como causa do pensamento dever-se-ia conhecer noções de causa e efeito. Como o próprio Nietzsche afirma: “de onde retiro o conceito de pensar? Por que acredito em causa e efeito? O que me dá direito de falar de um eu, de um eu como causa, e por fim de um eu como causa de pensamentos?” (NIETZSCHE, 2021a, p. 22).

Em um aforismo deste mesmo capítulo, o caráter de contraposição e experimentalismo de Nietzsche se tornam claros, a proposição feita é uma provocação, que por sua vez espera uma resposta do interlocutor. Guardadas as devidas reservas de interpretação, quando o autor efetiva sua crítica à concepção que afirma que o mundo é regido por leis naturais, apontando para uma possível interpretação de que é regido pela vontade de poder, afirma: “e vocês se apressarão em objetar isso, não? – bem, tanto melhor!” (NIETZSCHE, 2021a, p. 28).

Pois a necessidade de uma continuidade na contraposição é devida ao anseio que o homem tem de alargar suas perspectivas, de conhecer, de experimentar, até o ponto em que torna-se “um verdadeiro campo de batalha (NIETZSCHE, 2021b, p. 42) proporcionando a possibilidade de ir além de si mesmo, de auto superar-se. Como Nietzsche afirma: “Em circunstâncias de paz o homem guerreiro se lança contra si mesmo” (NIETZSCHE, 2021, p. 52).

Tal necessidade pode ser comparada, como o próprio Nietzsche afirma, ao espírito de competição, de disputa entre si, que permeava toda a vida grega dos tempos homéricos, tanto a dos gregos individuais, quanto a dos Estados gregos. Não é por acaso que uma das características mais marcantes dos poemas de Homero são os relatos dos combates entre



gregos e troianos, que tinham como pressuposto a educação para a competição, para o agôn, e da absoluta necessidade destes conflitos para a saúde tanto do próprio guerreiro quanto da própria cidade-estado.

Sendo interessante perceber que, também para Nietzsche, a contraposição e o experimentalismo são os remédios capazes que curar a doença instaurada no Ocidente pelo ideal ascético, “a guerra foi sempre a grande prudência de todos os espíritos que não são por demais concentrados, de todos os espíritos tornados demasiado profundos; existe o poder de curar mesmo no ferimento” (NIETZSCHE, 2021, p. 07)

Nietzsche afirma que o homem na medida que está em embate com o mundo vai alargando sua visão perspectiva, com isso vai sanando gradativamente a doença do ressentimento que é a negação daquilo que não está relacionada com o Mundo-Verdade. “O reparo, a travessura, a sorridente suspeita, a zombaria são sinais de saúde: todo absoluto pertence à patologia” (NIETZSCHE, 2001a, p. 88), sendo que esta recuperação gradativa da saúde pode se encaminhar de tal forma que finalmente obtenha uma grande saúde, “a mais vigorosa, mais aguçada, mais resistente, mais intrépida e mais alegre que todas as saúdes que existiram até o presente” Sendo que por meio desta é que efetivamente o homem pode tornar-se essencialmente experimentador “aquele cuja alma está ávida de fazer todas as conversões de todos os valores que existiram e de todos os desejos que foram satisfeitos até hoje” (NIETZSCHE, 2003, p. 12). Como também tornar-se um espírito livre que quer conhecer por meio das aventuras de sua própria existência quais são os sentimentos de um conquistador e de um explorador, ao mesmo tempo, quais são os sentimentos de um artista, de um santo, de um legislador, de um sábio, de um homem piedoso. Enfim por meio da grande saúde o homem pode se colocar além de bem e mal.

É mister ressaltar que a grande saúde, é algo que não se conquista apenas uma vez, mas deve ser constantemente reconquistada, pois ter-se-á que sacrificá-la todos os dias em cada embate, pois a idéia de uma saúde abundante não elimina a doença, que é o meio para tornar-se “ainda mais longamente saudável, quero dizer, tornar-se ainda mais sadio” (NIETZSCHE, 2003, p. 13). Sendo assim, pode-se afirmar que o processo de autossuperação não possui um ápice um estágio ideal, mas é um eterno reconquistar-se a si mesmo.



Contudo é necessário discorrer acerca de uma possível interpretação de que a autossuperação humana se efetive de forma dialética, contudo antes é necessário assinalar que o termo durante toda a história da filosofia recebeu várias interpretações diferentes, que impossibilitariam sua comparação com a filosofia nietzschiana. Entre elas a elaborada por Hegel que possuía como característica a vontade de verdade expressa por sua teleologia.

Contudo, deve-se levar em consideração o que anteriormente se discorria acerca do experimentalismo, é papel do homem fazer proposições, levantar hipóteses, e a hipótese levantada por Nietzsche é que: “Algo de verdade, de possibilidade de verdade, por trás da celebre proposição-fundamental real-dialética (...) a contraposição move o mundo, todas as coisas são contraditórias consigo mesmas” (NIETZSCHE, 2003, p. 11).

A dialética hegeliana em primeiro é finalista e é movida por uma vontade de verdade, pois sua meta é o Espírito Absoluto, a forma com que se efetiva sua dinâmica é pela negação, a superação só é possível porque o oposto daquilo que tinha realidade se manifestou, e no processo de contradição acabaram por gerar uma outra realidade que por sua vez sofrerá oposição, proporcionando o desenrolar do processo. Contudo a superação não se dá pela negação, pois seria somente uma reedição do processo de *décadence*, mas sim pela afirmação da vida. No processo de evolução, que se dá por um embate, um estado decorre do outro, mas Nietzsche concebe que esta se dê, sim, pelo embate de forças opostas, vontades de poder que, contudo, não decorrem uma das outras.

Como já foi explicitado anteriormente, Nietzsche, concebe o mundo como eterno retorno que se dá pela contraposição de forças, o homem que faz parte deste mundo, e que é vontade de poder, também efetiva um movimento por meio da contraposição, no qual o conflito entre perspectivas, interpretações, geram uma nova. Sendo que o alargamento de perspectivas, que estão em constante contraposição, é que proporciona ao homem um gradativo movimento de superação. E sendo que a dialética se constitui o movimento contraditório das coisas consigo mesmas, pode-se inferir que a superação humana ocorre por meio desta.

É mister ressaltar que a concepção de Nietzsche se assemelha à de um filósofo posterior, Theodor Adorno. Este analisa a sociedade pós-industrial, e questiona o sistema capitalista que nega (no exato momento que o afirma ideologicamente) ao homem o direito



à própria vida: biológica, social, intelectual, política, econômica. Sendo que o produto desta condição, seriam homens fracos, dóceis, forças de trabalho de fácil manipulação por parte do mercado.

E a possibilidade de superação de tal condição está na capacidade de perceber que a realidade é fruto de uma construção, compreender que há um processo histórico na formulação de todas as realidades, conhecer a dinâmica própria deste processo e a estrutura da realidade que cria, com vistas a poder discutir acerca de suas premissas, visando uma superação de tal condição, que é gradativa. Sendo este exatamente o projeto da dialética negativa, a superação do estado de alienação que o homem pós-industrial se encontra, por meio de uma tomada de consciência de sua condição.

Se se comparar as duas concepções acerca da superação, perceber-se-á muitas semelhanças, em primeiro a condição subjugada do homem em relação a uma estrutura, que se pretende hegemônica, que nega a ele a possibilidade de afirmação da vida. Em segundo a necessidade da consciência da realidade na qual está inserido, conhecer suas várias facetas, para posteriormente poder atuar sobre esta, de forma experimental, ou crítica, promovendo assim gradativamente a superação do estado niilista e da alienação.

Sendo que, o homem que possui consciência de que está inserido em um mundo de realidades ou representações transitórias, e que por serem assim são passíveis de contraposição numa atitude na qual se experimenta a possibilidade de outras interpretações, é que pode, não só doar novo sentido às realidades existentes, mas criar, transvalorar o sentido da existência. Aquele que é capaz de ir além de sua condição atual, além das ruínas do Cristianismo, aquele que inserido no mundo e por amor a este empreende um movimento de autoafirmação, diz inocente e livremente eu quero: é que tem a possibilidade de se tornar um além-do-homem.

PARA UMA POSSÍVEL CARACTERIZAÇÃO DO ALÉM-DO-HOMEM

Na terceira parte do prefácio de *Assim falou Zaratustra*, Nietzsche anuncia o além-do-homem. Já que não se trata de uma mera adaptação que garantiria a sobrevivência do homem, a evolução se dá porque este alarga sua pluralidade perspectiva podendo cada vez



mais significar e criar experimentalmente, empreendendo a afirmação da vida. Assim a diferença básica entre as teorias de Darwin e Nietzsche que aquele considera a vida como conservação, e este percebe seu caráter de auto-superação.

Contudo cabe perguntar o que e como é este, pois se sabe que constitui aquele que por uma atitude afirmativa perante um mundo, o qual concebe de forma estética, como meras representações dentro de um eterno devir, é capaz de criar novas realidades, novos significados. Mas seria um ideal de homem ainda não alcançado, mais um produto da evolução do mundo, o retorno de uma estirpe aristocrática?

Em primeiro é mister considerar que não se deve pensar em uma evolução da humanidade, nem num advento de uma classe universal, ou ainda em um indivíduo específico, mas sim de um certo tipo de homem, que não deve ser entendido como um tipo ideal, o próprio Nietzsche busca prevenir a possibilidade desta interpretação quando ele pergunta acerca do que se entende em outros lugares por além-do-homem, e a resposta é o tipo ideal de uma espécie de homem superior. Contudo o além-do-homem é expressamente oposto a todo ideal de humanidade, e em particular ao ideal pós-hegeliano do homem genérico.

Assim para uma compreensão do que este seria é necessário se ater a importância que Nietzsche dá ao sentido histórico, pois somente desta forma é que se pode entendê-lo como um fenômeno possível no presente. A superioridade do homem é demonstrada quando este é comparado com outros, que pertencem ao mesmo espaço e tempo, sendo que este não é um evento único, já que Nietzsche se refere a um tipo de além-do-homem, donde se pode inferir que há outros. Se é superior em relação a, e no caso da análise, seria aquele que superaria a condição humana doentia própria da modernidade.

Em sua análise, Nietzsche trabalha com várias configurações acerca deste tipo de homem, sendo que se torna necessário efetivar uma diferenciação das que dizem respeito ao passado e das que dizem respeito ao futuro, para se perceber as peculiaridades da concepção do autor. Pois a análise não é um retrocesso, não trilha “o caminho do caranguejo”, mas sim “recua como quem quer dar um grande salto” utiliza-se de algumas características dos tipos do passado para demonstrar os do futuro. “Se retorna (...) regenerado, (...) com o espírito mais alegre, com uma segunda inocência, mais perigosa, no



gozo; se retorna mais infantil e, ao mesmo tempo, cem vezes mais refinado que antes” (NIETZSCHE, 2001a, p. 189).

Entre os vários tipos do passado pode-se encontrar o animal de rapina, o homem de rapina, ardiloso, do qual se tem uma “profunda incompreensão da natureza, [que se expressa como força e vontade de dominação] ao procurar por algo doentio no âmago destes mais saudáveis monstros” (NIETZSCHE, 2001a, p. 221). Outro tipo são as bestas louras, uma explícita referência aos povos antigos, que não conheciam a misericórdia, sua dominação se dava por meio da força bruta, da violência. E ainda a ave de rapina, aquela capaz de voar além de bem e mal, e que por esse motivo é temida pelo rebanho de ovelhas, os cristãos, que a vê como má, não só porque é oposto, mas porque este tem o poder de pela força atacar veementemente o rebanho.

Percebe-se que estas configurações de tipos superiores, nobres, do passado possuem em comum a característica da força eminente, da propensão para a guerra. Todos estavam acima da concepção de bem e mal judaico-cristão e, por isso agiam mediante o quantum de Vontade de Poder que possuíam. Pois “exigir da força que não se expresse como força, que não seja um querer-dominar (...), um querer-subjugar, uma sede de inimigos, resistências e triunfos, é tão absurdo quanto exigir da fraqueza que se expresse como força” (NIETZSCHE, 2001b, p. 183).

É mister ressaltar a impossibilidade de constituir a filosofia de Nietzsche como um culto a heróis antigos dos quais se espera-se um retorno, pois são apenas parte constitutiva de uma análise que tem como meta demonstrar o tipo nobre do futuro. Pois o retorno destes tipos portadores de uma força eminente, e de um espírito guerreiro, não proporcionariam uma superação do estado niilista. Para tanto deve-se levar em consideração que se está em outra época, que o próprio homem adquiriu, nestes dois mil anos, características que devem ser levadas em consideração para que retorne cem vezes mais refinado.

Assim para discorrer acerca das características do homem superior do futuro deve-se ter em mente a pluralidade de sua constituição: que supõe os tipos superiores do passado e os tipos mesquinhos, baixos que são produto da *décadence*. Ambos se contrapõem travando uma guerra constante, mas esta se efetiva no espírito humano, pois como Nietzsche afirma: “não há talvez sinal mais decisivo de uma natureza elevada, de uma natureza espiritual, do



que estar dividida neste sentido e ser um verdadeiro campo de batalha para estes opostos” (NIETZSCHE, 2001b, p. 43). Sendo esta a diferença entre o homem superior do passado e do futuro, naquele o conflito se efetiva exteriormente, neste interiormente, e isso é possível graças a domesticação pela qual passou.

Quando Nietzsche trata desta questão afirma que é a partir da reinterpretação de mundo efetivada pelo sacerdote “é que o homem se tornou um animal interessante” pois foi por meio desta que “a alma humana ganhou profundidade, tornou-se má” (NIETZSCHE, 2001b, p. 24). Isto se deve ao sentimento de culpa imputado no homem que se reconhece como artífice de seu próprio sofrimento, que é causado pelos seus impulsos naturais, configurados na forma de pecado. Sendo preciso um embate interior, movido pela vontade de nada, com vistas a reprimir tudo isto, “com uma alma animal voltada contra si mesmo, tomando partido contra si mesma, algo tão novo surgiria na terra, tão inaudito, tão profundo, enigmático, pleno de contradição e de futuro, que o aspecto da terra se alterou substancialmente” (NIETZSCHE, 2001b, p. 72).

Percebe-se assim que o movimento imputado pelo ideal ascético não eliminou os impulsos naturais, mas ao reprimi-los, acabou por expandir o campo espiritual do homem. Por isso a afirmação de Nietzsche que o além-do-homem é um desdobramento do processo de *décadence*, pois sem este, este tipo não surgiria, “sob esta ótica dos valores, essas duas formas contrapostas são imprescindíveis.” (NIETZSCHE, 2001b, p. 33).

É importantíssimo ressaltar que esta pluralidade nunca deve ser tomada como uma síntese, pois “supondo que estes dois um dia se casassem, inevitavelmente algo monstruoso viria ao mundo, a última vontade do homem, sua vontade de nada, o niilismo” (NIETZSCHE, 2001b, p. 11). Mas sim em um eterno combate que proporciona pela tensão de opostos um alargamento progressivo no quantum de força que gera afirmação da vida. Assim o homem superior seria capaz de suportar o peso da responsabilidade que é a tarefa de trans valorar os valores vigentes.

Para a tarefa de uma transvaloração dos valores eram talvez necessárias mais faculdades que as que jamais coexistiram em um somente indivíduo, sobretudo também as antíteses de faculdades, sem que a estas lhe fossem lícito perturbar-se umas às outras,



destruir-se mutuamente. A arte de separar sem inimizar; na mesclar nada, não conciliar nada, uma multiplicidade enorme, que é, contudo, o contrário do caos.

“Aqui a visão se estende, o espírito se eleva” (NIETZSCHE, 2001a, p. 163), sendo que somente este homem é que pode perguntar-se: “não se pode desviar todos os valores? E bom é talvez mau? Deus apenas uma invenção e refinamento do diabo? É talvez tudo, no último fundo falso? E se somos enganados não somos por também enganadores? Não temos que ser enganadores?” (NIETZSCHE, 2003, p. 09). E por meio de questionamentos, impulsionado por seu espírito experimental, se autoafirma como o novo legislador, declara guerra a todas as concepções absolutas de verdadeiro e falso, possibilitando a transvaloração dos valores.

E, uma pergunta ainda resta como é o comportamento deste homem capaz de acolher em si todos o universo, quais virtudes possui? Em primeiro cabe ressaltar o aspecto da solidão, pois este possui uma alma perigosamente testada devido ao conflito, que lhe permite um gosto no tato e na reverência por si mesmo e por seus iguais. “Tem mais receio de ser compreendido que de ser mal compreendido” (NIETZSCHE, 2001a, p. 191), por isso, este homem da profunda solidão possui uma grande “reverência diante da máscara” pois necessita desta para se proteger, principalmente “de todo aquele que não lhe é igual na dor” (NIETZSCHE, 2001a, p. 169), daquele que não é nobre, não por uma falta de coragem, mas por uma atitude de desprezo àquele que não possui o mesmo *quantum* de força.

Assim o homem superior, aquele que está além-do-homem, que possui uma alma que tem a escada mais comprida e que pode descer mais fundo. A alma mais sagaz pode correr, perder-se e errar mais longe em si mesma; a mais necessária precipita-se no azar por prazer. A alma que se afunda na corrente de há de ser; a alma que possui e exige o querer e o desejo. A alma que foge de si própria, e que se alcança a si mesma no mais amplo círculo; alma mais prudente a quem a estultícia convida mais meigamente. A alma que ama muito a si mesma, na qual todas as coisas têm a sua ascensão e a sua queda, o seu fluxo e o seu refluxo.

Quem é o além-do-homem? O espírito livre, o portador da grande saúde, um campo de batalhas, o novo legislador, o nobre do futuro... o solitário, o andarilho, o acanhado.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo procurar analisar a questão da transvaloração dos valores e a afirmação da vida a partir da concepção de mundo Nietzscheana. O homem é considerado em Nietzsche como Vontade de Poder, necessitando para tal estar em constante contraposição, para que seu quantum de força se mantenha e se expanda, se colocando desta forma para além de bem e mal, se inserindo no processo do eterno retorno do mundo.

Para chegar a esta afirmação, analisaremos a questão da contraposição e o experimentalismo como remédios que possibilitam ao homem obter uma grande saúde, bem como realizamos e um estudo histórico-crítico sobre a possibilidade de caracterização do além-do-homem.

O presente artigo tem um caráter de introdução a esta temática, podemos dizer que se trata de um ensaio analítico-crítico. O artigo não tende a esgotar o referido tema, pelo contrário, deve servir de estímulo a novos estudos sobre esta temática.

REFERÊNCIAS

DELEUZE, G. *Nietzsche e a Filosofia*. Trad. Edmundo Fernandes Dias. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1976, p.1-170.

DOSTOIÉVSKI, F. *Diário de um escritor*. Tradução: Jacy Monteiro. Rio de Janeiro: Editora Livraria Exposição do Livro, 1968.

_____. *Os Demônios*. Tradução: Paulo Bezerra. 4. São Paulo: Editora 34, 1995.

_____. *Os irmãos Karamázov*. Trad: Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2012.

FOUCAULT, M. *Nietzsche, a genealogia e a história*. In: *Microfísica do Poder*. trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1995.

GIACOIA, O, J. *Nietzsche*. 1.ed. São Paulo: Publifolha, 2000, p.11-92.

_____. *O Platão de Nietzsche*. O Nietzsche de Platão. Cadernos Nietzsche, São Paulo: USP, n. 3, p. 23-36, 1997.



HERÁCLITO. *Fragmentos*: origem do pensamento. Tradução, introdução e notas de Emmanuel Carneiro Leão. ed. bilíngüe. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1974.

KANT, I. *Fundamentação da metafísica dos costumes*. Trad. Paulo Quintela. In: Coleção Os Pensadores. São Paulo, Abril Cultural, 1980.

MARTON, S. *Nietzsche: a transvaloração dos valores*. 1.ed. São Paulo: Moderna, 1993, p. 7-119.

MARTON, S. *A morte de Deus e a transvaloração dos valores*. In: Extravagâncias: ensaios sobre a filosofia de Nietzsche. São Paulo: discurso editorial, 2000.

NIETZSCHE, F. *Assim Falou Zaratustra*: um livro para todos e para ninguém. Trad. Paulo César de Souza. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p.11-359.

_____. *Além do bem e do Mal*: prelúdio a uma Filosofia do Futuro. Trad. Paulo César de Souza. 3.ed. São Paulo: Companhia das letras, 2001a, p. 7-271.

_____. *Crepúsculo dos Ídolos*: a Filosofia a golpes de martelo. Trad. Edson Bini. São Paulo: Hemus, 1976.

_____. *Fragmentos Finais*. Brasília, UNB, 2002.

_____. *Genealogia da Moral*. Trad. Paulo César de Souza. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001b, p.7-179.

_____. *Humano demasiado humano*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2008.

_____. *O Anticristo*: ensaio de uma crítica ao cristianismo. Trad. Pedro Delfim Pinto dos Santos. Lisboa: Guimarães, 1988.

PASCHOAL, E. A. *A dinâmica da vontade de poder como proposição moral nos escritos de Nietzsche*. (Tese de Doutorado.) Campinas: Unicamp, IFCH, 1999.

SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e como representação*. Trad. Jair Barboza. São Paulo: Ed Unesp, 2005.

TARNAS, R. *Epopéia do pensamento Ocidental*: Para compreender as ideias que moldaram nossa visão de mundo. trad. Beatriz Sidou. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

VOLPI, F. *O Nilismo*. trad. Aldo Vannuchi. São Paulo: Loyola, 1999.



*Além-do-homem:
A transvaloração dos valores e a afirmação da vida*

STIGAR, R.
RUTHES, V. R. M.

*Recebido: 27/02/2023
Aprovado: 04/04/2023*